

# Trabalho Mediúnico

Desafios e Possibilidades

*Carlos Campetti e  
Vera Campetti*



# Sumário

Trabalho  
Mediúnico:  
Desafios e  
Possibilidades

Labor transcendental .....	15
Apresentação .....	17
Nota .....	21
Considerações iniciais .....	23
Introdução .....	25

## PARTE I – Desafios e possibilidades

<b>1</b>	<b>FORMAÇÃO DO GRUPO MEDIÚNICO ....</b>	<b>33</b>
<b>1.1</b>	<b>O papel da prática mediúnica na Doutrina Espírita .....</b>	<b>33</b>
<b>1.2</b>	<b>Por que formar um grupo mediúnico? ...</b>	<b>34</b>
1.2.1	Porque os Espíritos necessitam de atendimento mediúnico .....	35
1.2.2	Porque os encarnados participam em trabalhos mediúnicos .....	38
1.2.3	Porque a tarefa mediúnica é inte- ressante para a Casa Espírita .....	40
<b>1.3</b>	<b>Características dos grupos mediúnicos</b>	<b>41</b>
<b>1.4</b>	<b>Como formar um grupo mediúnico?</b>	<b>43</b>
1.4.1	Quem dirige?.....	45
1.4.2	Estudo-harmonização.....	47

# Sumário

Trabalho  
Mediúnico:  
Desafios e  
Possibilidades

1.4.3	Os candidatos à mediunidade...	52
1.4.4	Os requisitos para participação	61
1.4.5	Quanto ao local e horário.....	68
<b>2</b>	<b>ORGANIZANDO O ESTUDO .....</b>	<b>75</b>
<b>2.1</b>	<b>Vantagens da adoção de um programa de estudo .....</b>	<b>75</b>
2.1.1	Variedade de programas.....	75
<b>2.2</b>	<b>O acordo de grupo.....</b>	<b>76</b>
2.2.1	Definindo diretrizes .....	77
2.2.2	Definindo procedimentos .....	78
2.2.3	Compromissos dos membros do grupo .....	81
2.2.4	As bases de avaliação.....	90
2.2.5	Aprovando o acordo de grupo..	92
<b>2.3</b>	<b>Iniciando o estudo.....</b>	<b>93</b>
2.3.1	A prática desde o início .....	93
<b>3</b>	<b>ORGANIZANDO O TRABALHO MEDIÚNICO.....</b>	<b>105</b>
<b>3.1</b>	<b>A seleção dos participantes .....</b>	<b>106</b>
3.1.1	Autoavaliação.....	107
3.1.2	Avaliações periódicas com o grupo.....	109
3.1.3	Avaliações com o dirigente.....	110
<b>3.2</b>	<b>Adaptando o acordo de grupo .....</b>	<b>112</b>
<b>3.3</b>	<b>A continuidade do estudo.....</b>	<b>113</b>
<b>3.4</b>	<b>Os tipos de trabalhos mediúnicos.....</b>	<b>115</b>

# Sumário

Trabalho  
Mediúnico:  
Desafios e  
Possibilidades

<b>3.5</b>	<b>As reuniões mediúnicas .....</b>	<b>117</b>
3.5.1	As funções no grupo mediúnico...	117
3.5.2	Como organizar a atividade mediúnica .....	118
3.5.3	O desenvolvimento dos trabalhos .....	120
<b>3.6</b>	<b>Análise das mensagens recebidas .....</b>	<b>128</b>
<b>4</b>	<b>A EQUIPE DE TRABALHADORES ENCARNADOS .....</b>	<b>131</b>
<b>4.1</b>	<b>A direção do grupo .....</b>	<b>131</b>
4.1.1	O dirigente.....	132
4.1.2	O dialogador .....	137
<b>4.2</b>	<b>Os médiuns e as mediunidades .....</b>	<b>148</b>
4.2.1	Desenvolvimento e educação da mediunidade .....	148
4.2.2	Médiuns que oferecem consultas..	173
<b>4.3</b>	<b>Outras funções no grupo .....</b>	<b>175</b>
4.3.1	O apoio vibratório .....	175
4.3.2	Os assistentes.....	176
4.3.3	A participação de convidados...	177
<b>4.4</b>	<b>Características desejáveis aos membros do grupo – Resumo.....</b>	<b>179</b>
<b>5</b>	<b>A EQUIPE DE TRABALHADORES DESENCARNADOS .....</b>	<b>183</b>
<b>5.1</b>	<b>Os mentores.....</b>	<b>183</b>
<b>5.2</b>	<b>Os trabalhadores espirituais .....</b>	<b>185</b>
<b>5.3</b>	<b>Ação espiritual nos trabalhos mediúnicos .....</b>	<b>186</b>

# Sumário

Trabalho  
Mediúnico:  
Desafios e  
Possibilidades

5.3.1	Preparação do ambiente da reunião.....	189
5.3.2	Seleção e preparação dos espíritos trazidos à comunicação mediúnica.....	193
5.3.3	O atendimento oferecido aos Espíritos na reunião mediúnica	197
<b>5.4</b>	<b>Interação entre as equipes encarnada e desencarnada.....</b>	<b>205</b>
5.4.1	Preparação durante a semana e no dia da reunião.....	207
5.4.2	Durante o sono .....	208
5.4.3	As consultas aos trabalhadores espirituais.....	211
<b>5.5</b>	<b>Como reconhecer os Espíritos trabalhadores .....</b>	<b>212</b>
<b>5.6</b>	<b>Elementos definidores de uma mensagem dos Espíritos superiores.....</b>	<b>215</b>
<b>6</b>	<b>A MANUTENÇÃO DO GRUPO MEDIÚNICO .....</b>	<b>219</b>
<b>6.1</b>	<b>Terminou o curso. O que vamos estudar agora? .....</b>	<b>220</b>
<b>6.2</b>	<b>Os processos obsessivos ao longo do trabalho.....</b>	<b>222</b>
6.2.1	Os inimigos encarnados e desencarnados do grupo.....	222
6.2.2	Alguns desafios .....	223
<b>6.3</b>	<b>Objetivos permanentes.....</b>	<b>226</b>
6.3.1	Fatores de desequilíbrio.....	227
6.3.2	Fatores de equilíbrio.....	227

# Sumário

Trabalho  
Mediúnico:  
Desafios e  
Possibilidades

<b>6.4</b>	<b>Como agregar novos membros.....</b>	<b>231</b>
<b>6.5</b>	<b>Novos grupos de estudo da mediunidade.....</b>	<b>233</b>
<b>PARTE II – Diálogo e situações</b>		
<b>7</b>	<b>O DIÁLOGO COM OS ESPÍRITOS.....</b>	<b>237</b>
<b>7.1</b>	<b>Breve visão do plano espiritual e as regiões de sofrimento .....</b>	<b>238</b>
<b>7.2</b>	<b>Breve visão do mundo interior do Espírito em desequilíbrio .....</b>	<b>241</b>
<b>7.3</b>	<b>Começando o diálogo.....</b>	<b>243</b>
	7.3.1 Observação.....	243
	7.3.2 Empatia.....	246
<b>7.4</b>	<b>O quê, como e quando dizer aos Espíritos.....</b>	<b>247</b>
<b>7.5</b>	<b>Outros elementos de apoio ao atendimento .....</b>	<b>249</b>
<b>7.6</b>	<b>Fazer perguntas aos Espíritos necessitados? .....</b>	<b>252</b>
<b>7.7</b>	<b>O processo de despertamento e o reequilíbrio.....</b>	<b>253</b>
	7.7.1 A raiz da problemática do Espírito sofredor .....	253
	7.7.2 O que o Espírito sofredor necessita	254
	7.7.3 Como utilizar esse conhecimento na reunião mediúnica .....	257
<b>8</b>	<b>ALGUMAS SITUAÇÕES EM QUE OS ESPÍRITOS SE ENCONTRAM .....</b>	<b>261</b>
<b>8.1</b>	<b>Principais tipos de Espíritos trazidos aos trabalhos mediúnicos .....</b>	<b>262</b>

# Sumário

Trabalho  
Mediúnico:  
Desafios e  
Possibilidades

8.1.1	Vinculados à vida física .....	262
8.1.2	Vinculados à modalidade de desencarnação.....	265
8.1.3	Culpados e arrependidos.....	274
8.1.4	Em estado de inferioridade deliberada .....	276
8.1.5	As congregações das regiões espirituais inferiores.....	287
8.1.6	“Enviados” de congregações espirituais inferiores.....	301
<b>9</b>	<b>Conclusão .....</b>	<b>313</b>
	“O corpo responde conforme o comando da cabeça” .....	315
	Anexo 1 – Alguns livros relacionados com o estudo da mediunidade .....	317
	Anexo 2 – Algumas sugestões para o acordo de grupo – estudo/harmonização .....	321
	Anexo 3 – Caso: Os primeiros passos de um grupo de estudo da mediunidade.....	325
	Anexo 4 – Algumas sugestões para o acordo de grupo – estudo/prática .....	333
	Índice geral.....	339
	Referências .....	351

# Capítulo 1

## Formação do Grupo Mediúnico

[...] Não basta [...] que se evoquem bons Espíritos; é preciso, como condição expressa, que os assistentes estejam em condições propícias, para que eles assintam em vir. Uma reunião só é verdadeiramente séria quando cogita de coisas úteis, com exclusão de todas as demais. [...] Numa palavra, qualquer que seja o caráter de uma reunião, haverá sempre Espíritos dispostos a secundar as tendências dos que a componham. [...] (LM XXIX: 327)<sup>5</sup>

### 1.1 O papel da prática mediúnica na Doutrina Espírita

Os espíritas sabem que a mediunidade não é patrimônio do Espiritismo. Há referências ao fenômeno da comunicação dos chamados mortos com os “vivos” desde as mais remotas épocas da humanidade. Com o Espiritismo, no entanto, a mediunidade ganha uma conotação mais profunda e efetiva, tornando-se instrumento de educação moral do ser integral — do Espírito imortal que todos somos. O papel da prática mediúnica na Doutrina Espírita é, assim, o de servir de instrumento para a educação moral dos Espíritos encarnados e desencarnados que travem, direta ou indiretamente, contato com o fenômeno e suas consequências. Para esse fim, será de





todo conveniente evitar a prática da mediunidade de forma impulsiva ou apressada, em função da curiosidade, de problemas obsessivos ou de outro qualquer motivo que possa despertar o interesse pelo assunto.

A mediunidade, em termos espíritas, deve ser encarada com seriedade e o interessado em praticá-la precisa compreender o papel e a importância da disciplina, da humildade, da renúncia, do serviço ao semelhante e do constante trabalho de reforma íntima exigido de todo candidato ao trabalho na seara do Senhor.

A prática mediúnica nas reuniões espíritas equilibradas não poderá jamais ser motivo de satisfação e projeção pessoal, nem campo de batalha de pessoas egocentradas, desejosas de atenção pública. Tampouco deve ser campo de ação de pessoas que se mantenham na ignorância quanto aos verdadeiros propósitos do trabalho e, assim, se façam dóceis às sugestões que os induzem a venerar médiuns “especiais” ou dirigentes supostamente distinguidos pelo amparo e deferência especiais que aparentam receber da Espiritualidade superior. Nesse sentido, é recomendável dedicar atenção às páginas de *O evangelho segundo o espiritismo* que trata dos “falsos profetas da erraticidade” (EE XXI: 10),<sup>6</sup> que se dedicam a manipular médiuns e dirigentes incautos, impossibilitando o trabalho mediúnico construtivo, jogando, inclusive, uns grupos contra os outros.

Sendo a mediunidade neutra em relação à moral, é esta, no entanto, que lhe dá a qualidade indispensável para que aquela se faça verdadeiramente equilibrada e produtiva. Não sendo patrimônio do Espiritismo, este lhe brinda com novo significado ao ligá-la à prática da caridade de uns em favor dos outros, dando aos interessados a oportunidade de integrarem-se como cooperadores conscientes no trabalho de autoaperfeiçoamento e de auxílio aos que estão despertando para essa mesma necessidade.

## 1.2 Por que formar um grupo mediúnico?

São motivos básicos para a formação de um grupo mediúnico o estudo e a prática do Espiritismo. Mas esses motivos precisam ser mais bem especificados para o entendimento de todos os que se pretendem dedicar a





essa tarefa sem a experiência necessária, ou, ainda, para aqueles que desejem rememorar os conceitos básicos que norteiam a atividade mediúnica.

Quando se pergunta o porquê da formação de um grupo mediúnico, a indagação se refere aos seus objetivos. Vamos examinar algumas ideias que podem servir de reflexão quanto aos caminhos para a formação, reestruturação e manutenção de um grupo mediúnico.

### 1.2.1 Porque os Espíritos necessitam de atendimento mediúnico

Parece natural que os Espíritos necessitados, estando no mundo espiritual, sejam atendidos por Espíritos bons, lá mesmo, sem necessidade de se comunicarem em grupos mediúnicos. Em realidade, a atividade mediúnica não é imprescindível para os Espíritos necessitados. André Luiz<sup>7</sup> nos auxílica a compreender o assunto quando pergunta a Alexandre:

— Por que a doutrinação em ambiente dos encarnados? — indaguei. — Semelhante medida é uma imposição no trabalho desse teor?

— Não — explicou o instrutor — não é um recurso imprescindível. Temos variados agrupamentos de servidores do nosso plano, dedicados exclusivamente a esse gênero de auxílio. [...] Em determinados casos, porém, a cooperação do magnetismo humano pode influir mais intensamente, em benefício dos necessitados que se encontrem cativos das zonas de sensação, na Crosta do Mundo. Mesmo aí, contudo, a colaboração dos amigos terrenos, embora seja apreciável, não constitui fator absoluto e imprescindível [...].

Dessa forma, apesar de não ser imprescindível, o processo de diálogo, com a doação de recursos magnéticos pelos encarnados, resulta positivo para os desencarnados. Em certos casos, os irmãos desorientados no plano espiritual não compreendem nem aceitam sua situação, sendo facilitado o seu despertar pelos recursos oferecidos no





conjunto do trabalho entre encarnados e desencarnados que se devotam ao seu auxílio e recuperação. Há Espíritos em processos de dor, restrições perispirituais ou em estado de rebeldia que, em função de diferenças vibratórias e fluídicas, têm dificuldades para perceber os Espíritos superiores, em nível mais avançado de evolução, não podendo, assim, ouvir e entender aqueles que os buscam para auxiliá-los.

Ilustrativo sobre o assunto é o que descreve Irmão Jacob<sup>8</sup> ao referir-se a certo trabalho mediúnico visitado por ele na companhia de Guillon Ribeiro e Cairbar Schutel:

Que os infortunados ali, diante de nós, eram perseguidores sombrios não padecia dúvida. Não viam os benfeitores que até ali acorriam para melhorar-lhes as condições, embora agissem constrangidos pelas forças magnéticas que deles emanavam; contudo, ouviam-lhes as instruções e advertências edificantes, através daqueles mesmos aprendizes das aulas do Cirne.

Reparei, então, com mágoa, a diferença que existia entre mim e os abençoados companheiros que me haviam trazido. Ao passo que nenhum deles era visível aos irmãos ignorantes e perturbados, não obstante as irradiações brilhantes que lhes marcavam a individualidade, notavam-me a presença, entre os ajudantes intermediários, pertencentes aos cursos preparatórios de Espiritualidade superior.

Em outras situações, os Espíritos precisam do atendimento mediúnico para passar por momentos de verdade, de despertar, que são facilitados pela utilização dos recursos mais materializados com os quais ainda se afinizam. São, portanto, encaminhados às atividades mediúnicas para que, com o apoio vibratório dos participantes da reunião e no contato com os médiuns, se revigorem, sejam escutados, ouçam a orientação de que necessitam, tenham e vivenciem recordações do passado, passem por embates psíquicos difíceis, mas que permitem finalmente que os Espíritos trabalhadores consigam encaminhá-los a estações de socorro e recuperação na espiritualidade. Mesmo quando intermediários





de mediana evolução se prestam a auxiliar os Espíritos superiores no trabalho de assistência aos mais ignorantes, muitas vezes, o resultado almejado é muito facilitado pelo concurso de uma equipe encarnada.

Esse é o caso do Espírito Marinho, referido por André Luiz.<sup>9</sup> Marinho foi sacerdote quando encarnado na Terra. Sua mãe, que já o conduzira ao atendimento mediúnico em oportunidades anteriores, notando-lhe disposições modificadas e certo tédio diante da situação de desequilíbrio em que vivia, solicitou ao mentor Alexandre novo concurso mediúnico para o filho. No dia do atendimento, Marinho foi conduzido ao círculo magnético da reunião mediúnica, onde foi necessária a coleta de forças mentais dos presentes e do organismo mediúnico, que envolveram a benfeitora materna de modo a torná-la visível ao filho, propiciando-lhe o reavivamento da emotividade positiva e renovadora.

Explica o instrutor Alexandre a André Luiz que a doutrinação no ambiente dos encarnados é um recurso valioso nos casos em que é necessária a cooperação do magnetismo humano, para os necessitados que se encontrem cativos das zonas de sensação, na crosta do mundo. Ao mesmo tempo, o recurso à mediunidade serve como ensinamento aos encarnados e exemplificação edificante.

O atendimento a seguir, descrito por André Luiz,<sup>10</sup> é representativo de situações como aquelas a que nos referimos:

[...] Quando a hora de amor cristão aos desencarnados começou a funcionar, os orientadores trouxeram Gaspar (Espírito obsessivo) à organização medianímica, a fim de que pudesse ele recolher algum benefício, ao contacto dos companheiros materializados na experiência física, que lhe haviam fornecido energias vitalizantes, tal como acontece às flores que sustentam, sem perceber, o trabalho salutar das abelhas operosas. Reparei que os sentidos do insensível perseguidor ganharam inesperada percepção. Visão, audição, tato e olfato foram nele subitamente acordados e intensificados. Parecia um sonâmbulo, despertando. À medida que se lhe casavam as forças às energias da médium, mais se acentuava o fenômeno de reavivamento sensorial. [...]





Escutando agora, com aguçada sensibilidade, conversou detidamente com o doutrinador. [...]

A gama de Espíritos atendidos nos grupos mediúnicos é ampla. Há os que nem sequer percebem que desencarnaram. Outros há que desencarnaram em acidentes terríveis e precisam do choque anímico que proporciona o contato com o médium para que possam ter seus perispíritos recompostos. Outros, ainda, empedernidos no mal, não aceitam aproximação e contato com os bons, sendo atraídos para o grupo mediúnico, muitas vezes, de modo imperceptível para eles. Outros integram grupos de enfrentamento ao Espiritismo que vêm ameaçar os trabalhadores da mediunidade, sendo beneficiados, sem o esperar, por meio do esclarecimento e do magnetismo, elementos que contribuem para promover mudanças de rumos em suas vidas, seja pela reencarnação, seja pelo remorso e desejo de reconstrução interior, seja pela imersão em estado de sono provocado.

Um grande *et coetera* teria que ser aqui colocado, pois são muitos os motivos que desencadeiam a necessidade do atendimento mediúnico aos Espíritos necessitados desencarnados. A série André Luiz está repleta de exemplos esclarecedores a esse respeito.

### 1.2.2 Porque os encarnados participam de trabalhos mediúnicos

Infelizmente, há pessoas que iniciam as atividades mediúnicas sem saber por quê. Outros as frequentam durante algum tempo sem saber o que estão fazendo e permanecem desatentos ao que se passa ao seu redor. Uma parte dos que comparecem se dirige à atividade por curiosidade, gosta e fica. Outra parte, são as dores e os sofrimentos que a conduzem a buscar o socorro do Centro Espírita. Não há, de modo geral, motivos únicos para que as pessoas busquem a reunião mediúnica. Cada caso é um caso. Por outro lado, nem todas as Instituições Espíritas estabelecem requisitos, procedimentos ou rotinas organizadas para o acesso ao grupo mediúnico, que requer, seguramente, um nível mínimo de conhecimentos específicos e preparo no assunto.





A situação fica sem solução quando o grupo não promove estudo da mediunidade sob a ótica espírita e, portanto, se dedica exclusivamente à prática mediúnica. O mesmo acontece quando o estudo carece de planejamento adequado e de aprofundamento, sendo feito ao sabor da improvisação ou de orientações esparsas recebidas por um ou outro médium.

Irmão Jacob<sup>11</sup> faz referência a aulas dadas por Leopoldo Cirne a Espíritos menos evoluídos. “Era uma aula perfeita na qual o velho amigo preparava futuros companheiros para a contribuição espiritual de ordem elevada.” A tônica fundamental dos esclarecimentos de Cirne era a fraternidade, que, mesmo depois da morte do corpo físico, segue sendo o caminho da salvação. Um pouco mais adiante, no mesmo capítulo de *Voltei*, Jacob faz referência a “ajudantes intermediários, pertencentes aos cursos preparatórios de Espiritualidade superior”. Se no mundo espiritual há cursos e aulas para preparar trabalhadores para tarefas diversas, não seria isso também conveniente para nós, os encarnados?

Os objetivos norteadores da participação dos encarnados em atividades mediúnicas estão relacionados com o servir ao próximo e com o aperfeiçoamento individual necessário para ampliar o potencial de serviço, com a educação moral proporcionada pelos exemplos que a atividade mediúnica revela. Alexandre, uma vez mais, esclarece sobre o assunto, na continuação da citação de *Missionários da luz*.<sup>12</sup>

[...] mas, quando é possível e útil, valemo-nos do concurso de médiuns e doutrinadores humanos, não só para facilitar a solução desejada, senão também para proporcionar ensinamentos vivos aos companheiros envolvidos na carne, despertando-lhes o coração para a espiritualidade. [...] Ajudando as entidades em desequilíbrio, ajudarão a si mesmos; doutrinando, acabarão igualmente doutrinados.

Irmão Jacob<sup>13</sup> registra um esclarecimento de Guillon Ribeiro (Espírito) que aponta nessa mesma direção. Segundo Guillon, ainda que os desencarnados endurecidos pudessem ser instruídos no plano espiritual, “os benefícios decorrentes da colaboração atingiriam





particularmente os amigos encarnados, não somente lhes aumentando o conhecimento e a experiência, mas também lhes suprimindo lastimáveis impulsos para o mal.” Ou seja, o intercâmbio mediúnicos visa também à orientação dos encarnados pelos exemplos que oferece das consequências da ignorância e do mal.

Cabe à Instituição Espírita, portanto, promover condições para que as pessoas que se vinculem às atividades mediúnicas compreendam que aprender, educar-se e cooperar com fraternidade são os objetivos que devem nortear os esforços dos interessados em trabalhar com a mediunidade.

### 1.2.3 Porque a tarefa mediúnica é interessante para a Casa Espírita

Dois aspectos fundamentais podem aqui ser considerados: as vantagens no âmbito individual para frequentadores e trabalhadores do Centro e as vantagens para o próprio Centro como instituição.

Não é novidade que os Espíritos, tanto os de natureza inferior quanto os bem-intencionados de diversos níveis evolutivos, acompanham e influenciam os encarnados. Quando uma pessoa vai à Casa Espírita acompanhada por um Espírito sofredor ou obsessivo, ambos são beneficiados com os esclarecimentos e o serviço de passes oferecido na reunião pública. Mas se a Instituição conta com um trabalho mediúnico equilibrado, é possível que o Espírito seja encaminhado pelos mentores espirituais para a reunião em que será esclarecido e orientado, numa tentativa de auxiliá-lo a mudar de rumo e encontrar caminhos mais produtivos para a vida e para si mesmo. Com isso, o frequentador ou trabalhador encarnado da Casa é beneficiado, ainda que não se dê conta disso.

Quanto à Casa Espírita, para usufruir das vantagens da atividade mediúnica, esta precisa ser realizada com base na orientação de Kardec, com bom senso e equilíbrio. Se uma Casa Espírita inicia a prática mediúnica sem estudo prévio que ofereça às pessoas condições de compreender o processo e as implicações do desenvolvimento mediúnico, poderá estar expondo seus trabalhadores a sérios riscos de obsessão.







Essa preparação é necessária e deve ser feita de tal forma que, ao cabo de algum tempo, pelo menos alguns dos participantes estejam em condições de iniciar o trabalho prático com a espiritualidade.

É verdade que o intercâmbio mediúnico faz parte de nossa vida diária, pois, conforme orienta *O livro dos espíritos*, na questão 459, de ordinário são os Espíritos que nos dirigem. Por esse mesmo motivo é que se requer de nós, como indivíduos, um comportamento moral e padrões de pensamento elevados que nos habilitem à simpatia e proteção dos Espíritos trabalhadores do bem. No caso do Centro Espírita e da reunião mediúnica, mais ainda se pede, pois não é só a questão individual que está sendo considerada, mas sim o coletivo de nossas possibilidades e disposições íntimas. Para que esse coletivo possa ser adequado à manifestação, orientação e amparo dos Espíritos do bem, são necessários o conhecimento e o preparo dos participantes, como indivíduos e como grupo.

Quando um Centro Espírita, por distintos motivos, adia indefinidamente a implantação de um grupo mediúnico, está negando aos seus frequentadores excelente oportunidade de educação, de adestramento de suas potencialidades e de prestar serviço ao próximo. Além disso, priva os trabalhadores de outras vantagens, entre elas o desenvolvimento de amizade ostensiva com Espíritos superiores; a geração de créditos pela cooperação com a Espiritualidade maior no auxílio a Espíritos que necessitam do concurso dos encarnados para seu despertar e correção de rumo; a conquista do respeito dos irmãos sofredores e ignorantes beneficiados pelo exercício da fraternidade que redunde em seu despertar para novos rumos na vida; o apoio mais direto e muitas vezes declarado do Mais Alto para outras tarefas que pretenda desenvolver; a geração de energias positivas que possibilitam aos técnicos da espiritualidade a proteção do ambiente e de seus frequentadores e trabalhadores etc.

### 1.3 Características dos grupos mediúnicos

Compreendida a importância da atividade mediúnica para os desencarnados, encarnados e para a Casa Espírita, vamos examinar as características que os grupos mediúnicos podem assumir.







O ponto fundamental de qualquer trabalho mediúnico deve ser a caridade. Quando nos afastamos do aspecto moral da Doutrina, nos distanciamos da essência mesma do Evangelho e nos predispomos ao desequilíbrio. Tal é o risco de se atribuir primazia às manifestações mediúnicas, como objetivo *de per si*, ou, ainda, de se procurar centralizar os recursos da mediunidade em atividades sem fim útil ou sem natureza elevada.

Poder-se-á arguir que as manifestações mediúnicas de toda natureza foram muito intensas no começo do Espiritismo, proporcionando importante “efeito demonstração” para chamar a atenção das massas para uma nova realidade que se vinha desvelar. Isso não pode ser contraditado. Poder-se-á alegar, indo além, que esse objetivo segue atual e relevante. Nesse ponto, devemos observar que o momento é outro e as relações de importância diferem. A Doutrina Espírita está estabelecida e, para os nossos dias, mais importância tem o conhecimento que herdamos de nossos antecessores espíritas, que adveio do contato massivo com o plano espiritual, origem de material valioso de estudo para os trabalhos de pesquisa científica ou filosófica, do que o efeito demonstração. Para a própria divulgação doutrinária, hoje, mais importância têm a consolação e a esperança esparzida e os esclarecimentos sobre a vida além da morte. Ainda nos resta muito a aprender de todos os ensinamentos recebidos, de todas as pesquisas feitas até agora.

Todavia, não se pode deixar de reconhecer, por sua importância, o trabalho que hoje fazem os espíritas especialistas com preparo acadêmico e/ou largo tempo de experiência na área da análise científica, trabalho que exige dedicação e grande conhecimento acerca dos resultados obtidos por outros pesquisadores e do que se projeta para o futuro em termos dos rumos da ciência e de sua aplicação em pesquisa espírita. A respeito do assunto, deve-se destacar que a credibilidade e o valor desse trabalho estão relacionados ao preparo dos pesquisadores, necessário à conquista do respaldo científico que valide suas experiências e respectivos resultados.

A potencialidade do amor, ressaltada na mensagem da Doutrina Espírita, que requer de cada um mais esforços de superação para desenvolver-se, é o ponto nevrálgico de nossa colaboração para com a obra do Consolador e, por isso, deve receber toda a ênfase em nossos grupos





mediúnicos. No Movimento Espírita, para que possamos realizar a programação de Jesus, devemos centrar nossos esforços na assistência aos necessitados de toda ordem.

A natureza dos trabalhos a serem realizados dependerá basicamente: dos diferentes tipos de mediunidade e das disposições reunidas; do grau de sensibilidade, tato, inteligência, conhecimento e evangelização de cada um e de todos os membros; da qualidade do relacionamento pessoal entre os que se propõem a trabalhar juntos no grupo e das necessidades dos encarnados e desencarnados a serem beneficiados. Por consequência, são infinitos em suas nuances os tipos de trabalhos mediúnicos que realizam as Casas Espíritas.

Alguns grupos destinam-se ao esclarecimento e atendimento fraterno a entidades sofredoras. Neles, é mais comum a manifestação de Espíritos que trazem todo tipo de sofrimento causado pela ignorância das Leis divinas, da realidade da vida espiritual, da verdadeira finalidade da vida física. Nesses grupos, além de médiuns e colaboradores experimentados, podem atuar os que estão iniciando atividades mediúnicas.

Os casos mais intrincados, mais complexos e difíceis são, normalmente, reservados, pelos mentores espirituais, para os grupos mais experientes, principalmente os de desobsessão. Somente a prática e o estudo continuados podem proporcionar condições para que a pessoa atue com proveito e produtividade em trabalhos dessa natureza.

Por isso, nos trabalhos de desobsessão, não é conveniente a presença de pessoas que estão iniciando a prática do intercâmbio mediúnico, pois eles exigem a colaboração de uma equipe experiente no contato com o plano espiritual e que já tenha segurança quanto ao conhecimento e à prática do Espiritismo.

## 1.4 Como formar um grupo mediúnico?

Conforme explica Allan Kardec, “[...] de muitas dificuldades se mostra inçada a prática do Espiritismo e nem sempre isenta de inconvenientes a que só um estudo sério e completo pode obviar [...]” (LM





Introdução).<sup>14</sup> E segue informando: “Sendo a unidade de princípios um dos pontos importantes, não pode existir naqueles que, não tendo estudado, não podem ter opinião formada.”(RE, 1861, dez, p. 538). Esclarece, ainda, o codificador que “uma reunião é um ser coletivo, cujas qualidades e propriedades são a resultante das de seus membros e formam como que um feixe. Ora, esse feixe tanto mais força terá quanto mais homogêneo for [...]” (LM 331).<sup>15</sup>

Consequentemente, antes da prática mediúnica propriamente dita, é necessário que o grupo e seus membros preencham dois requisitos básicos. O primeiro é o conhecimento na área da mediunidade, que só um estudo sério e continuado pode oferecer, e o segundo, que o grupo seja homogêneo, harmônico. Homogeneidade não é fácil de alcançar. Para chegar lá, um dos caminhos pode ser a convivência no estudo. Pelo estudo se chega ao conhecimento e pela convivência, à harmonização do grupo. Simples para se escrever ou falar, mas não tão simples para se executar.

Léon Denis<sup>16</sup> fala, baseado na experiência de anos no campo do intercâmbio mediúnico:

Muitas tentativas se tornam infrutíferas, grande número de grupos não têm mais que uma existência efêmera, em consequência da falta de paciência, de dedicação e coesão.

Procura-se com avidez obter os fenômenos transcendentais; desde que, porém, para os obter se fica sabendo que é preciso submeter-se a uma disciplina gradual de muitos meses, de muitos anos, reunir-se em dia fixo, todas as semanas pelo menos, e não desanimar com os repetidos insucessos, muitos hesitam e recuam. É preciso, pois, nos grupos em formação só admitir membros absolutamente resolvidos a perseverar, não obstante a lentidão e os obstáculos. Só com o tempo e mediante esforços reiterados é que o organismo dos médiuns e dos experimentadores pode sofrer as profundas modificações que permitem exteriorizar as forças indispensáveis à produção dos fenômenos. [...]



Ainda que os interessados em formar um grupo mediúnico encontrem pessoas experimentadas no assunto, faz-se necessário que todos se submetam humildemente ao estudo da mediunidade, o que propiciará o surgimento das afinidades, o aparecimento de eventuais divergências a serem resolvidas e o desenvolvimento do hábito da constante busca da fraternidade entre todos. Se a atividade for bem conduzida, com o aprofundamento dos conhecimentos virá, também, a harmonização de pensamentos e sentimentos indispensável para a atividade segura.

A formação do grupo mediúnico cumpriria, assim, duas etapas distintas, embora complementares entre si. A primeira poderia ser chamada de *estudo-harmonização* e a segunda, de *estudo-prática* ou trabalho mediúnico. Contudo, essas não são as únicas etapas da existência de um grupo dedicado à mediunidade. A elas se acresceria uma terceira, enfocada adiante: a de sua *manutenção e preservação*.

Importante destacar neste momento que não necessariamente o estudo da mediunidade produzirá como resultado um grupo mediúnico. Isso vai depender de muitos fatores que serão examinados oportunamente.

### 1.4.1 Quem dirige?

Não estamos tratando ainda do trabalho mediúnico propriamente dito. Falamos da definição de quem vai dirigir o *estudo-harmonização*, para assumir a difícil e desafiadora tarefa de encaminhar o grupo, ou parte dele, à prática mediúnica equilibrada e produtiva no futuro.

Para dirigir essa etapa, precisa-se de uma pessoa experiente, tanto em relação à prática mediúnica quanto — e principalmente — à condução do estudo da mediunidade e dos desenvolvimentos do relacionamento humano, para orientar o grupo em suas diversas etapas de aprendizado e harmonização.

Essa pessoa poderá, ou não, vir a ser o dirigente do possível futuro grupo mediúnico. Caso não venha a ser, terá a tarefa de identificar e/ou preparar alguém que possa fazê-lo ao longo do período de *estudo-harmonização*. Ideal é que o futuro dirigente do grupo mediúnico



participe de toda essa etapa inicial de preparação. Ele mesmo estará passando pelo processo de adaptação junto com os demais participantes.

A decisão de quem dirige, tanto uma quanto outra etapa, é da diretoria ou da área específica que cuida do tema na Casa Espírita, conforme a estrutura vigente.

Considerando que a liderança precisa ser consentida pelo grupo, pode ocorrer que, no desenvolvimento do estudo, se identifique outra pessoa dentro da equipe com melhores condições de direção que a inicialmente cogitada para a tarefa. Nesse caso, a pessoa previamente indicada precisa ser suficientemente humilde para reconhecer que o grupo estará mais bem conduzido por outrem. Um grupo mediúnico no qual o dirigente precisa ser imposto não terá grandes chances de funcionar satisfatoriamente. Essa situação é bem diferente daquela outra, ideal, em que o dirigente adquire o respeito do grupo pelo seu conhecimento do Espiritismo e vivência da moral cristã, condição que resultará, seguramente, no bom relacionamento do dirigente com os membros do grupo.

Mais adiante serão examinadas as qualidades dos membros do grupo, com destaque para as condições necessárias para o desempenho do papel de liderança nos grupos de estudo e de prática mediúnica.

Deve-se considerar a possibilidade, comum em lugares onde o Espiritismo ainda está sendo implantado, de que não haja pessoa com experiência suficiente na prática mediúnica ou no estudo da mediunidade para dirigir um grupo de pessoas que desejam e identificam a necessidade de trabalhar com a mediunidade. Principalmente nesses casos, além da dedicação ao conhecimento da obra básica, é importante a adoção de um programa de estudo que facilite o processo inicial de *estudo-harmonização*. Quando não há uma pessoa experiente para dirigir o grupo, um programa bem estruturado, ainda que não substitua ou dispense a necessidade da experiência, pode ajudar muito o grupo a caminhar pelas vias da aquisição do conhecimento e da harmonização indispensáveis para a sadia prática mediúnica. Depois de formada uma sólida base de conhecimento e conquistados os fundamentos de sustentação do equilíbrio para o exercício da



mediunidade, membros do grupo, especialmente o dirigente, poderão ser admitidos em grupos experientes e equilibrados que lhes possibilitem uma necessária, ainda que rápida, visão do funcionamento de uma atividade mediúnica.

Nada substitui a experiência, mas os primeiros grupos mediúnicos, surgidos nos primórdios do Movimento Espírita, não contavam com a orientação doutrinária de que hoje dispomos. Só com o tempo foi possível a formação ou a reestruturação de grupos com base nas orientações de Allan Kardec e Léon Denis e, mais recentemente, em obras escritas por estudiosos trabalhadores encarnados da área da mediunidade ou psicografadas por médiuns confiáveis pela coerência de seus exemplos, como Francisco Cândido Xavier, Yvonne Pereira, Divaldo Pereira Franco entre outros.

Dessa forma, obedecidos os princípios exarados pelo codificador, é possível iniciar uma prática mediúnica que poderá vir a ser produtiva se a prudência e a perseverança forem as tônicas norteadoras do comportamento dos envolvidos no processo.

Aliás, este é um dos objetivos deste livro: auxiliar, inclusive os menos experientes, a estruturar um estudo sério e continuado que possibilite as condições indispensáveis para a aquisição de uma base conjunta de conhecimento e dê suporte ao processo de harmonização, no relacionamento e na atividade, dos membros de um grupo que deseje servir à causa do Amor, por intermédio do trabalho mediúnico.

### 1.4.2 Estudo-harmonização

Tudo o que dá resultado positivo e controlado nas atividades humanas parte de metas e objetivos claramente definidos e compreendidos pelos envolvidos no processo. Portanto, para a primeira etapa — a do estudo e busca de harmonização entre os participantes, com vistas à homogeneidade proposta por Kardec —, seria interessante definir objetivos que, uma vez compreendidos pelo grupo, possam guiá-lo no rumo desejado. É muito importante que esses objetivos, assim como tudo o que o grupo fizer, sejam decididos por análise e aprovação conjunta de todos os seus participantes. Por isso mesmo, não se pode ter a intenção



de oferecer ideias prontas e acabadas. A título de exemplo, portanto, um grupo de estudo da mediunidade, em sua fase de *estudo-harmonização*, poderia ter por objetivos gerais:

- Promover, pelo estudo da mediunidade e pelo desenvolvimento da harmonia entre os participantes, condições para o intercâmbio mediúnico equilibrado;
- Apoiar os membros do grupo, que evidenciem perseverança e sincero interesse, na identificação e educação de suas capacidades e faculdades mediúnicas.

Esses objetivos são estabelecidos em nível de grupo. Orientados por um dirigente, os participantes, como grupo, buscariam cumprir objetivos que dissessem respeito à formação e manutenção da própria atividade que é o fim, o porquê da existência daquela equipe de trabalho. Os dois requisitos, destacados por Kardec como essenciais — estudo para o estabelecimento e desenvolvimento do conhecimento básico (LM 34 e 35)<sup>17</sup> e constante trabalho pelo desenvolvimento da harmonia indispensável para o surgimento da homogeneidade almejada (LM 331) —, apareceriam logo de início, estando claro a todo o grupo o papel que lhe cabe como condição indispensável à sua própria existência.

\* \* \*

De forma complementar, *cada participante*, individualmente, poderia buscar também alcançar objetivos de natureza semelhante, expressos de forma a evidenciar o conteúdo básico a seguir desenvolvido.

*Estudar a mediunidade, suas manifestações,  
seus mecanismos e suas consequências*

Difícil chegar a algum lugar determinado sem conhecer o caminho ou sem ter um mapa. Ainda tendo um mapa, sem o entender, ele de nada adianta. Ninguém pode candidatar-se aos serviços de enfermagem





sem ter passado pelo curso de preparação. O que se quer dizer é que a mediunidade é uma atividade especializada dentro do Centro Espírita e os que dela se desejem servir precisam conhecer suas manifestações e seus mecanismos, no máximo de suas particularidades, para aprender a julgar suas conseqüências.

Além disso, o conhecimento tem papel relevante no que diz respeito à atividade mediúnica, especificamente para os médiuns ostensivos, mas também para todos os demais participantes da reunião, todos, afinal, médiuns no desempenho de diferentes funções. Assim, o que vamos reproduzir a seguir, dos Espíritos Erasto e Timóteo (LM XIX 225),<sup>18</sup> referente aos médiuns, pode ser aplicado a todos os membros do grupo, porque todos podem ser inspirados em diferentes graus de intensidade durante a atividade mediúnica, a depender das aptidões que adestraram.

[...] Assim, quando encontramos em um médium o cérebro povoado de conhecimentos adquiridos na sua vida atual e o seu Espírito rico de conhecimentos latentes, obtidos em vidas anteriores, de natureza a nos facilitarem as comunicações, dele de preferência nos servimos, porque com ele o fenômeno da comunicação se nos torna muito mais fácil do que com um médium de inteligência limitada e de escassos conhecimentos anteriormente adquiridos. [...]

Como dizíamos, esse esclarecimento pode ser aplicado por extensão, se consideramos a equipe como um organismo coletivo e a reunião como um campo de trabalho mais ou menos favorável à ação da espiritualidade, a depender dos recursos e capacidades que ela encontre nos seus integrantes. Para ações de maior profundidade no campo do atendimento aos Espíritos necessitados ou no da recepção da orientação oferecida pelos Espíritos mentores, a equipe espiritual obterá resultados mais efetivos e profundos com grupos que se dediquem ao estudo e à preparação, em conjunto e cada participante individualmente, elementos que os colocam em melhores condições para atuar na área do serviço ao próximo.





*Compreender a mediunidade como meio de comunicação e recurso de esclarecimento e redenção de encarnados e desencarnados*

A mediunidade pode ser compreendida dentro do contexto da comunicação, pois é meio de intercâmbio de informações entre dois planos de vida. Em termos espíritas, tem finalidades muito precisas e, nos trabalhos dos grupos especializados, tem por função o esclarecimento e a redenção de encarnados e desencarnados. Os primeiros beneficiados por ela são os próprios participantes, que, muitas vezes, julgam tão somente estar prestando um serviço ou fazendo a caridade ao juntar-se a um grupo. No entanto, antes de doar algo, se o trabalho obedece a requisitos de seriedade e honestidade, cada participante receberá a ajuda, a inspiração, a assistência da Espiritualidade superior, encarregada de dirigir e apoiar as atividades desde o mundo espiritual.

A mediunidade como meio de comunicação entre dois planos de vida pode manifestar-se em qualquer lugar e não somente dentro do grupo mediúnic. A qualidade da prática mediúnica, contudo, vai depender das opções dos envolvidos no processo, muito especialmente dos que se candidatam à sua prática em um grupo de orientação espírita. O tipo de suporte ou de influência espiritual que vão receber, como membros de um grupo de estudo da mediunidade e, possivelmente, de prática mediúnica, dentro de algum tempo, depende muito da utilização que pretendam dar a esse meio de comunicação.

Daí a importância de que cada participante tenha sempre presente esse aspecto essencial da mediunidade no meio espírita, que é servir, porque, quando essa função básica é atendida, o participante da atividade é automaticamente servido dentro do processo no qual está envolvido. Caso contrário, por uma questão de afinidade e necessidade de aprendizado, sofrerá as naturais consequências de sua ignorância, por não ter-se dedicado convenientemente ou ter negligenciado a oportunidade de compreender o enraizamento estreito da mediunidade no serviço ao próximo.

Outros encarnados beneficiados pela atividade mediúnica são os frequentadores dos Centros Espíritas, que vêm para as reuniões públicas ou outras de estudo e trabalho, com suas companhias espirituais.





Quando se faz necessário e há condições para o serviço, alguns desses Espíritos são encaminhados para a(s) atividade(s) mediúnica(s) com vista ao esclarecimento, orientação e encaminhamento possíveis.

Há ainda os encarnados que se beneficiam pelas orações e pelos pedidos de auxílio feitos pelos frequentadores de Centros Espíritas. Os Espíritos auxiliares visitam, em se dando as condições necessárias, os lares e os ambientes frequentados pelas pessoas mencionadas nas orações e podem, também, promover o encaminhamento para um grupo de esclarecimento espiritual dos desencarnados menos esclarecidos que as cercam e prejudicam de alguma forma.

Dentre os desencarnados, não são amparados e beneficiados pela atividade mediúnica apenas os referidos nos dois últimos parágrafos. Esse tema é detalhado na segunda parte deste livro, Capítulo 8 – Algumas situações em que os Espíritos se encontram.

### *Assimilar e vivenciar os princípios educativos oferecidos pela Doutrina Espírita e o Evangelho de Jesus*

Se compreender diz respeito ao intelecto, faz-se necessário completar o processo, buscando recursos que apoiem o desenvolvimento do sentimento. O Espiritismo e o Evangelho de Jesus apresentam a base para o autoconhecimento e a transformação moral ou, em outras palavras, a integração do indivíduo consigo mesmo. Essa integração o leva à compreensão da finalidade de sua existência e à imperiosa necessidade de buscar os caminhos de ser útil, em um processo de interação com o próximo, na vivência da caridade, em obediência — consciente e consentida — às Leis divinas e, conseqüentemente, à sua integração com o Pai. Assimilar é mais do que simplesmente compreender. É absorver os conteúdos que passam a fazer parte, a integrar o ser e a guiar sua personalidade, orientando suas atitudes e ações, em vivência cada vez mais ampla e profunda, reflexo de seu autodescobrimento como filho de Deus, irmão de todos, destinado à felicidade, que é conquista de seu próprio esforço de evolução, atitude que se faz cada vez mais consciente à medida que o ser avança. Mas tudo tem um começo, e o começo não pode estar no último degrau da escada. Passo a passo, é preciso iniciar





pelas lições mais simples e ir aprofundando a assimilação e vivência das opções mais profundas. É interessante começar pelo que já entendemos, para abrir campo para o que ainda não estamos preparados para assimilar e vivenciar.

### *Capacitar-se para a atuação mediúnica produtiva e equilibrada*

Quando se deseja trabalhar com a mediunidade, é preciso buscar a capacitação. A integração no grupo de estudo da mediunidade é passo importante, mas não suficiente.

\* \* \*

Podemos utilizar as palavras de Áulus, instrutor espiritual de André Luiz, para resumir essa necessidade: “O problema é de aprender sem desanimar e de servir ao bem sem esmorecer”.<sup>19</sup>

### 1.4.3 Os candidatos à mediunidade

Allan Kardec afirma (RE, 1861, dez, p. 538).<sup>20</sup>

[...] Infelizmente, quando criamos um grupo, somos muito pouco rigorosos na escolha, porque, antes de tudo, queremos formar um núcleo. Para nele ser admitido, basta, na maioria das vezes, um simples desejo ou uma adesão qualquer às ideias gerais do Espiritismo. Só mais tarde é que percebemos ter facilitado em demasia a admissão. [...] Aquele que tem a intenção de organizar um grupo em boas condições deve, antes de tudo, assegurar-se do concurso de alguns adeptos sinceros, que levem a doutrina a sério e cujo caráter, conciliador e benevolente, seja conhecido.

De fato, um dos maiores desafios enfrentados por quem decide formar um grupo mediúnico é a seleção dos participantes. Conforme orientação de Léon Denis:<sup>21</sup>



[...] Se é conveniente escolher com cuidado os colaboradores, é preciso, entretanto, não levar as coisas ao extremo, nem ser demasiado exclusivista. Com o auxílio do Alto e a assistência dos Espíritos-guias, as discordâncias que reinam ao começo em alguns círculos podem-se atenuar e ceder lugar à homogeneidade. [...]

Atentos às palavras de Kardec e de Léon Denis, vamos examinar as possibilidades normalmente utilizadas para a seleção dos participantes de uma atividade mediúnica.

### *A escolha “a dedo”*

Uma das práticas mais antigas é a de selecionar “a dedo” as pessoas mais aptas a participar do trabalho mediúnico. Alguém, indicado pela diretoria do Centro ou que se julgue com autoridade ou capacitado para decidir, se propõe a formar um grupo mediúnico e busca na Casa Espírita, ou entre suas relações, as pessoas com “conhecimento e vivência” para assumir as responsabilidades da prática mediúnica.

Nesse caso, é frequente que, ao aparecer um “novato”, sem qualquer experiência ou afirmando haver participado desse tipo de trabalho em outros grupos, ele seja colocado diretamente dentro do grupo mediúnico, ao sabor da simpatia despertada no dirigente, ou receba a recomendação de ficar assistindo às reuniões públicas ou outros eventos do Centro por tempo indeterminado — raramente menos de um ano —, até que alguém o veja (se isso acontecer) e o convide para a tarefa. Neste segundo caso, quando o interessado é persistente, pode vir a ser admitido se conseguir convencer diretamente o dirigente ou encontrar alguém do grupo que o recomende.

Note-se que o simples impedimento da participação de desconhecidos ou inexperientes, por algum tempo, gera insatisfação. Há quem afirme não ser bem recebido nos Centros Espíritas, porque não lhe é permitido integrar o (ou um) grupo mediúnico da casa.



A simples seleção de pessoas experientes não oferece solução para a problemática, pois além de nem sempre ser fácil encontrar pessoas nessa condição, que ainda não estejam comprometidas com algum grupo, nada garante que a “experiência” não tenha contribuído para a formação de vícios e cacoetes que dificultam a compreensão da proposta do Espiritismo para um trabalho mediúnico equilibrado e produtivo. Também não é solução manter as pessoas desconhecidas em espera pura e simples, por algum tempo, sem lhes oferecer condições para que se preparem para a tarefa à qual desejam vincular-se.

### *A exigência de conhecimento doutrinário*

Outra prática muito comum para a seleção de participantes das atividades mediúnicas é a exigência de conhecimento prévio das obras da Codificação. Considera-se que as pessoas precisam ter, pelo menos, lido *O livro dos espíritos* e *O livro dos médiuns*, mas se estima ideal o conhecimento de toda a Codificação.

Essa prática não deixa de ser uma variação do critério de escolha “a dedo”. A única diferença é que a escolha está orientada pelo critério do conhecimento doutrinário.

No entanto, a simples leitura de alguns livros ou de toda a Codificação pode constituir garantia de que as pessoas estão preparadas e cumpriram os requisitos para participar da atividade mediúnica? Como na situação anterior, não se oferece aos interessados possibilidades de adquirir as condições mínimas, que só um estudo específico e bem orientado sobre a mediunidade pode proporcionar. Além disso, onde está a garantia de harmonização de equipe assim formada para habilitá-la à entrada direta na prática mediúnica?

### *Os cursos e estudos de Espiritismo*

Para suprir a deficiência observada, alguns Centros Espíritas desenvolvem ou adotam programas específicos de estudo da mediunidade com vistas a melhor preparar os candidatos à prática mediúnica. No entanto, os grupos, em sua maior parte, continuam a exigir que as pessoas





tenham certo conhecimento prévio do Espiritismo, e alguns deles encaminham os candidatos à atividade mediúnica para cursos doutrinários antes de admitir sua inscrição no estudo específico da mediunidade.

No entanto, há instituições que levam todos os participantes que concluem esses cursos à prática da mediunidade sem um critério de avaliação que indique se o interessado está ou não preparado para a atividade. Nem sempre a participação em estudos gerais, ou sobre temas específicos, assegura a preparação da pessoa para a prática mediúnica. Não se pode esquecer os fatores fundamentais recomendados por Kardec, que são o conhecimento da mediunidade e a harmonização do grupo.

Tivemos a oportunidade de observar experiência dessa natureza. A Instituição Espírita, cedendo a pressões de participantes do Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita (ESDE), que estava chegando ao último programa, decidiu criar um grupo mediúnico com todos os interessados que finalizariam o ESDE. Tudo começou com muito entusiasmo, mas não tardaram a aparecer os problemas. Apesar de haverem estudado juntos por aproximadamente quatro anos e tratado da mediunidade na parte específica prevista pelo programa, o estudo do ESDE não é direcionado para a preparação das pessoas para a prática mediúnica. A iniciativa culminou, ao longo do tempo, com a exclusão de vários participantes, que findaram por deixar a Casa Espírita angustiados e ressentidos. O dirigente, que aceitou assumir a tarefa sem conhecer efetivamente o grupo, também sofreu muito até chegar a uma condição mínima de manutenção da prática mediúnica produtiva, sendo acusado, muitas vezes, de incompreensivo e “dono da verdade” por aqueles que não desejavam fazer os esforços necessários para sua adequação às exigências de um trabalho sério.

Os estudos doutrinários (por exemplo, estudo sistematizado da Doutrina Espírita, estudo da obra básica etc.) não substituem, assim, o *estudo-harmonização*, que se faz indispensável para a preparação específica de trabalhadores para a área da mediunidade.

Nada impede, no entanto, especialmente onde é grande o afluxo de interessados nos grupos de estudo do Centro Espírita, que a diretoria estabeleça, como critério, a prática de somente permitir a entrada





no estudo específico da mediunidade a quem haja feito, por exemplo, o Estudo da Obra Básica, o Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita, o Estudo do Evangelho, o Estudo das Obras de André Luiz, ou outros estudos do Espiritismo mantidos pela Casa. Esse critério funciona como um filtro, pois, com as exceções que sempre existem, chegarão aos grupos de estudo da mediunidade somente aqueles que resistiram e se adaptaram à disciplina que deve fazer parte de um estudo semiprivado da Casa Espírita.\*

\* \* \*

Naturalmente, há casos em que, tanto nas práticas descritas acima quanto em variações daquelas, se estabelece um estudo, considerado suficiente, no qual os membros “escutam” uma preleção por um tempo breve antes da prática mediúnica. Não costuma haver avaliação periódica das atividades, nem acompanhamento da participação por critérios claramente definidos e compreendidos por todos. Há outros casos em que o dirigente é mais exigente e nos quais pode até mesmo haver excessivo rigor nos critérios de participação. Alguns participantes passam a cumprir os requisitos por dever e não por haver compreendido propriamente o que fazem, enquanto outros vão driblando as “normas” como podem ao longo do tempo.

Em todos os casos, permanece a grande dificuldade que é saber quem de fato está preparado ou não para a tarefa. Há critérios a serem utilizados para saber se a pessoa está ou não apta? Seria conveniente adotá-los? Quem tem autoridade para decidir sobre o assunto? O quê e como fazer?

### *Democratizando o processo de seleção*

---

\* Nota dos autores: Entendemos que um Centro Espírita, em termos de organização administrativa e funcional, conta com três tipos de atividades: *as públicas*, para as quais podem concorrer todos os interessados como simples frequentadores, sem nenhum tipo de compromisso formal com a casa, como é o caso das palestras, passes e assistência social (no caso das pessoas atendidas) ou alguns grupos de estudo livres de controle de participação; *as semiprivadas*, com as quais o frequentador já assume algum tipo de compromisso (minimamente de participação assídua), como é o caso das reuniões do tipo Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita; e *as privadas*, com as quais os trabalhadores assumem compromissos mais formais, aceitando compartilhar das responsabilidades pelos destinos da própria atividade, como é o caso de todas as reuniões para trabalhadores e das de estudo e prática da mediunidade.





Para a solução desse dilema, como de tantos outros, o caminho mais natural e lógico é buscar orientação na Codificação. O que o Codificador falou sobre o assunto? Em diversas oportunidades (por ex. em LM 31 a 33),<sup>22</sup> ele destacou a importância de as pessoas não se entregarem à prática antes de conhecerem a teoria. Indicou, inclusive, que são certos os prejuízos para aqueles que se entregam ao exercício da mediunidade sem antes conhecerem as condições necessárias para a sua prática segura, os riscos e escolhos que enfrentarão, os obstáculos que deverão superar para que o trabalho seja produtivo. Portanto, para Allan Kardec, assim como para todo espírita consciente, o estudo antes da prática mediúnica é fundamental.

Outras considerações também merecem atenção: o estudo deve ser específico, direcionado, mas quem convidar para o estudo? Não seria bom desenvolver algum critério do tipo: somente pode participar do estudo da mediunidade quem já leu a Codificação ou pelo menos os dois primeiros livros de Kardec?

Contudo, esses critérios nada garantem, além de poderem ser considerados discriminatórios. Quem pode assegurar que uma pessoa tenha aprendido o suficiente por simplesmente haver lido determinado livro? Há imensa distância entre ler e estudar com dedicação e afinco. O que se busca é o desenvolvimento de uma consciência espírita que somente pode ser conquistada com o estudo sério e continuado conforme proposto pelo codificador (LE Introdução VIII).<sup>23</sup> Há muitas pessoas que necessitam de ajuda para desenvolver o hábito do estudo organizado.

Além disso, as pessoas que se queixam de falta de oportunidade para participar das atividades mediúnicas dos Centros não consideram ou ignoram o fato de que os dirigentes espíritas seriam levianos se as admitissem em uma atividade cujas consequências desconhecem.

Uma boa opção poderia ser a democratização do processo, ou seja, convidar para o estudo todos os interessados na prática mediúnica, conheçam ou não o assunto, com a condição de lhes serem fornecidos recursos para a aprendizagem necessária.





“— Ah, mas essas pessoas vão atrapalhar os outros que já sabem alguma coisa!” — poderá afirmar alguém. E com razão! Mas se não aprendemos a ser caridosos e fraternos com nossos companheiros na vida física, como poderemos sê-lo com os desencarnados quando as atividades mediúnicas iniciarem? Quem não quer estar com os “inferiores” não pode atuar em um grupo mediúnico de assistência a Espíritos sofredores. Essa é uma realidade que deve ser aprendida, de início, por todo candidato a trabalhar com a mediunidade.

Efetivamente, não é saudável nem seguro permitir que pessoas inexperientes e sem conhecimentos adequados participem de atividades mediúnicas nas Casas Espíritas. Mas negar ou restringir suas oportunidades de estudo pode significar discriminação ou a simples negação de uma chance para os que, de boa vontade, a partir daí, passem a dedicar-se ao estudo e à prática do Espiritismo, fazendo-se, com o tempo, aptos para integrar-se na ação mediúnica produtiva.

Naturalmente, para que propostas dessa natureza funcionem, orientações de trabalho claramente definidas e aceitas por todos precisam ser estabelecidas, oferecendo condições para que os de boa vontade se desenvolvam e se façam aptos para a tarefa. Aqueles que não aceitarem o desafio do *estudo-harmonização*, ou desistirem no meio do caminho, já não poderão afirmar que não tiveram a oportunidade de participar das atividades mediúnicas da Casa. Tiveram, sim, a oportunidade, mas não quiseram aceitar as condições necessárias para que pudessem realmente ser beneficiados e contribuir com a tarefa.

Portanto, para iniciar um grupo de estudo da mediunidade, especialmente nas pequenas instituições, voltamos a destacar, a divulgação pode ser ampla dentro da Casa, alcançando todos os possíveis candidatos, sendo aceitos todos os interessados. Ao entrar em um grupo sério e bem estruturado, todos poderão ser levados naturalmente ao estudo das obras da Codificação e de outros livros fundamentais para o conhecimento geral da Doutrina e, especificamente, da mediunidade, condições consideradas indispensáveis para adentrar, mais tarde, na prática mediúnica.





### *A quantidade de participantes*

Quantos participantes deve ter um grupo de estudo da mediunidade?

Allan Kardec, em *O livro dos médiuns*, afirma:

Sendo o recolhimento e a comunhão dos pensamentos as condições essenciais a toda reunião séria, fácil é de compreender-se que o número excessivo dos assistentes constitui uma das causas mais contrárias à homogeneidade.

Não há, é certo, nenhum limite absoluto para esse número e bem se concebe que cem pessoas, suficientemente concentradas e atentas, estarão em melhores condições do que estariam dez, se distraídas e bulhentas. Mas também é evidente que quanto maior for o número, tanto mais difícil será o preenchimento dessas condições. Aliás, é fato provado pela experiência que os círculos íntimos, de poucas pessoas, são sempre mais favoráveis às belas comunicações, pelos motivos que vimos de expender. (LM 332)<sup>24</sup>

Corroborando o pensamento de Kardec, Áulus é objetivo em *Nos domínios da mediunidade*: “Admito que devemos centralizar nossas observações em reduzido núcleo, onde melhor dispomos do fator qualidade”<sup>25</sup>

Para a prática mediúnica, o número ideal recomendado por autores consagrados varia de 4 a 20 pessoas. Léon Denis afirma que “os grupos pouco numerosos e de composição homogênea são os que reúnem as maiores probabilidades de êxito”. Para ele, “é prudente não exceder o limite de 10 a 12 pessoas [...]”<sup>26</sup> Adiante, no mesmo livro, Léon Denis volta ao assunto para fazer a seguinte referência: “constituído o grupo e composto de quatro a oito pessoas...”. Podemos deduzir, assim, que, para esse autor, o grupo funciona idealmente com 4 a 8 membros. Em *Desobsessão*, André Luiz<sup>27</sup> inicia o capítulo que trata dos componentes da reunião afirmando que o número não deverá exceder a 14. Para Hermínio Miranda, “[...] o grupo pode funcionar bem até com duas pessoas [...]”, observando que um grupo assim pequeno tem que encarar





naturais limitações. Para ele, “[...] é possível [...], se alcançada impecável homogeneização, fazer funcionar razoavelmente bem um grupo com mais de oito pessoas, mas acima de doze vai-se tornando bastante problemática a sua eficácia” [...].<sup>28</sup> Allan Kardec sugere que os grupos espíritas sejam formados por 15 a 20 pessoas.<sup>29</sup> Como, com raras exceções, as reuniões da Sociedade Espírita de Paris eram mediúnicas, podemos assumir que Kardec sugere esse número para sessões dessa natureza.

Mas deixando de lado, por ora, a prática mediúnica e voltando a falar de grupo de estudo, é preciso considerar certas questões de ordem didática relativas ao assunto. Os profissionais da área recomendam que, para receber atenção individualizada do professor — no caso, do dirigente ou orientador do estudo — e para que o grupo alcance condição ideal de interação entre seus membros, o número de membros deve girar em torno de 20 a 25 pessoas.

Consideremos também que, com o tempo, por distintos motivos e por mais que adotemos providências para evitar a saída de participantes, a tendência natural é a diminuição do grupo. Se o grupo inicia com 25, há boa chance de chegar ao exercício da mediunidade com uns 10 a 15 membros. Ideal, naturalmente, seria que todos perseverassem e, nesse caso, poderiam ser adotadas medidas para a formação de dois grupos de prática mediúnica, dentro dos padrões sugeridos pelos autores e experimentadores reconhecidos. No entanto, a prática evidencia que todo grupo sofre diminuição no período de *estudo-harmonização* e, também, posteriormente, quando já iniciada a prática mediúnica. Por isso, o ideal é iniciar os estudos com cerca de 25 participantes.

Nada impede, contudo, que se iniciem estudos com número menor de pessoas, em locais onde não se consegue formar grupo desse porte. Com o estabelecimento de critérios cuidadosos, pode-se, em alguns casos e sem ânimo de proselitismo, incentivar os participantes a trazerem novos interessados quando o grupo for inferior aos 20 a 25 ideais. Pode-se, ainda, manter o grupo de *estudo-harmonização* aberto por um ou dois meses e lançar a campanha “cada um traz mais um”, até esgotar realmente as possibilidades do local ou alcançar o número desejado. Quando a meta estiver próxima a ser alcançada, o dirigente poderá conversar com o grupo para definir eventuais possibilidades de convidar mais participantes somente





para completar o número ideal. No caso oposto de haver muitos interessados, o grupo deve ser fechado assim que as inscrições alcançarem o número ideal. Tivemos a oportunidade de vivenciar as duas situações. Houve locais onde foi necessário lançar campanha para aumentar o número de participantes, em outros onde foi necessário formar dois grupos de estudo em dias diferentes, porque apareceram mais de 50 interessados logo na primeira reunião. Quando há pessoas preparadas para conduzir o estudo e a Instituição tem condições para receber todas as pessoas ao mesmo tempo, podem-se formar dois ou mais grupos no mesmo dia e horário.

Uma vez reunido o número ideal ou esgotadas as possibilidades do local, o grupo deve ser fechado, não se admitindo novos membros, salvo em casos excepcionais, a critério do dirigente e com o consentimento de todo o grupo. Quando surge novo contingente de interessados, forma-se novo grupo de *estudo-harmonização*, até o limite estabelecido pela diretoria da Instituição. Essa prática permite a formação de trabalhadores para a criação de novos grupos mediúnicos ou o reforço dos grupos que, naturalmente, vão perdendo seus membros por distintos motivos. No entanto, é importante considerar que a proposta do Codificador<sup>30</sup> é pela existência de centros familiares e não “megalo-centros”, com muitos grupos mediúnicos e múltiplas atividades em que as pessoas não têm a oportunidade de se conhecerem.

#### 1.4.4 Os requisitos para participação

Nenhum grupo, sem ser submetido a uma certa disciplina, pode funcionar. – LÉON DENIS<sup>31</sup>

Aqui não temos a intenção, nem as condições, de oferecer regras de funcionamento para as Instituições Espíritas. Na verdade, apresentamos uma sugestão que decorre do fato de que os grupos atuam melhor quando há algum tipo de *acordo de grupo* assumido pelos participantes, ou seja, quando há um consentimento, uma aceitação por parte do participante em relação aos critérios de funcionamento do grupo.





Para que uma proposta nesse sentido seja bem-sucedida, é importante a existência de parâmetros definidos pela Instituição e adaptados, se necessário, às peculiaridades de cada grupo, observadas, naturalmente, as diretrizes do Espiritismo. Mais tarde, veremos que o ideal é a adoção de critérios mais amplos para a criação e manutenção do grupo, inicialmente de *estudo-harmonização* e, depois, reunidas as condições necessárias, de *estudo-prática*. Esses critérios constituiriam um *acordo de grupo* pelo qual todos e cada um dos membros assumiriam o compromisso individual e coletivo de se dedicarem à concretização do que ficar acordado. Esses critérios poderiam ser chamados de *requisitos para a participação* na prática mediúmica. Eles poderiam ser especificados, por exemplo, como:

### Conduta

Allan Kardec, definindo os vários tipos de adeptos, afirma que os verdadeiros espíritas são o mesmo que os verdadeiros cristãos (LM 28)<sup>32</sup> e (EE XVII: 4).<sup>33</sup> É coerente, portanto, que o espírita sincero assuma o compromisso de manter *conduta espírita, ética e moral baseada no Evangelho de Jesus*.

Nessa linha de pensamento, consideremos que o Centro fez ampla divulgação ou aplicou a ação “cada um traz mais um” acima referida. Nessas situações, podem surgir pessoas que ainda não conhecem o Espiritismo. Como pedir a elas que mantenham conduta espírita, ética e moral consentânea com os princípios espíritas? Consideremos a afirmativa de Allan Kardec: “se [...] projetarmos o olhar sobre as diversas categorias de *crentes*, depararemos primeiro com os que são *espíritas sem o saberem*” (LM: 27).<sup>34</sup> Não se pode esperar que se apresentem pessoas prontas para o trabalho, mas aquelas de boa vontade que desejem se preparar para ele. Se os presentes estiverem dispostos a desenvolver comportamento digno, conduta compatível com a proposta ético-moral do Espiritismo, que não é outra senão a do Cristo, isso bastará, inicialmente, para admitir sua integração no grupo de *estudo-harmonização*. O que se pretende é um compromisso conjunto de busca de aperfeiçoamento moral e intelectual, sem o qual não haveria razão para a criação do grupo de estudo.





Consideremos, ainda, que se apresente alguma pessoa que nem seja cristã. O que fazer? Uma vez mais, seguir a orientação do Codificador (LM 18, 19, 30 e 31).<sup>35</sup> Não é possível convencer alguém de algo que não deseja. É dever do verdadeiro espírita respeitar as crenças e convicções dos demais. No entanto, as pessoas que se encaminham para um Centro Espírita sabem que ali vão encontrar a proposta de estudar o Espiritismo, vão conviver com pessoas espíritas e precisarão respeitar a filosofia, ao encontro da qual se dirigem espontaneamente, sem imposição de ninguém. Não importa a crença ou a convicção filosófico-religiosa da pessoa. Se ela deseja estudar a mediunidade sob a ótica espírita, que é o propósito de um grupo espírita, precisará manter conduta ético-moral compatível com a proposta do bem ao próximo, do amor e da caridade, conceitos e propostas presentes em todas as filosofias de vida saudáveis espalhadas pelo mundo. Se o rótulo ainda é motivo de divisão para alguém, esse alguém ainda não está suficientemente maduro e preparado para compreender a proposta de trabalho, por meio da mediunidade, oferecida pelo Espiritismo.

Cabe ao responsável pela atividade, com o devido carinho e atenção, buscar oferecer os esclarecimentos necessários, mantendo as possibilidades abertas para a integração de todos os de boa vontade que se disponham ao esforço sincero de manter uma conduta compatível com a proposta cristã de amar a Deus e ao próximo como a si mesmo. Mas a ninguém cabe o direito de mudar as características do Espiritismo, apresentadas pelo Codificador sob a assistência dos Espíritos reveladores, para atrair pessoas para os Centros Espíritas. Não é seu papel mentir ou tergiversar sobre questões fundamentais, a título de agradar ou contemporizar, simplesmente para manter as pessoas que não desejem se entregar ao esforço de transformação necessário para o exercício produtivo da mediunidade conforme a proposta espírita.

Pode, e em certas circunstâncias talvez seja conveniente, que a Casa Espírita mantenha flexibilidade para atrair as pessoas e, com o tempo, esclarecê-las sobre os aspectos fundamentais do Espiritismo. No entanto, aqui estamos tratando do estudo e prática da mediunidade sob a ótica espírita. Se a pessoa não entende, de início, o que se espera dela, pode sentir-se enganada e revoltar-se contra o dirigente,







a Instituição ou mesmo o Espiritismo. Veremos, mais adiante, que é preferível ser sincero e dar oportunidade para que os demais também o sejam do que contemporizar ou tergiversar sobre questões que são cruciais dentro do trabalho que se pretende realizar, abrindo possibilidades para decepções posteriores.

## Disciplina

A *disciplina* é outro fator fundamental quando nos referimos à mediunidade. *Disciplina* não apenas no sentido restrito de cumprimento de regras estabelecidas, mas no sentido de compromisso interno, que o indivíduo assume consigo mesmo, para o trabalho constante de auto-aperfeiçoamento. A *disciplina* para o candidato ao trabalho equilibrado da mediunidade consiste na busca do estabelecimento de linhas de conduta moralmente coerentes, que ultrapassem os limites estreitos das relações sociais, adstritos à forma, para tornar-se uma conquista que, na medida em que é interiorizada, vai sendo absorvida pelo ser essencial, fazendo-se mais e mais espontânea e natural. Nessa etapa, o indivíduo é disciplinado não por imposições externas de qualquer natureza, mas por convicção desenvolvida pelo conhecimento e pela experiência. Em relação especificamente ao exercício da mediunidade em um grupo espírita, tudo começa pela simples observância de compromissos assumidos conjuntamente para a ordenação das atividades, as quais resultarão em benefícios para todos os interessados e para outros que receberão indiretamente as consequências dos seus esforços.

## Humildade

Não é possível falar em atividade mediúnica equilibrada e produtiva sem tratar da questão da *humildade*. Essa qualidade é essencial não apenas para os médiuns ostensivos, mas para todos os que assumem a tarefa mediúnica. Sem *humildade*, o trabalhador da mediunidade é candidato seguro à interferência dos Espíritos inferiores e, portanto, à obsessão. É uma simples questão de afinidade. Os Espíritos superiores desejam e trabalham pelo nosso bem, mas não podem fazer por nós o que não permitimos que façam. Os superiores jamais violentarão nosso





livre-arbítrio, mas os inferiores, que ainda não admitem as consequências desastrosas do desrespeito ao direito de livre ação do próximo, sabem muito bem usar a falta de *humildade* do potencial trabalhador do bem para desviá-lo dos compromissos, especialmente na área da mediunidade, que é fator fundamental para o esclarecimento de encarnados e desencarnados.

### Interesse fraterno

Ainda dentro do tema *conduta*, um fator de agregação e harmonização do grupo é o *sincero interesse fraterno de seus membros uns pelos outros e pelos demais Espíritos encarnados e desencarnados*. Pode ocorrer o fato de as pessoas interessadas em ajudar os Espíritos desencarnados, por circunstâncias diversas da vida, não se darem conta de que um companheiro encarnado do próprio grupo está passando por dificuldades em determinado momento. Se o grupo está atento ao papel da mediunidade, compreenderá que não pode haver auxílio seletivo. Ou seja, não podemos querer ajudar os desencarnados se não nos apoiamos mutuamente, se não somos companheiros e irmãos dentro do próprio grupo.

Por isso, cada membro do grupo estará atento às necessidades dos demais e fará todo o esforço para auxiliar, quando necessário. Não importa o problema ou a situação. Se, por exemplo, alguém está com dificuldades em relação ao estudo de algum dos livros recomendados, outra pessoa que tenha facilidade para isso poderá ajudar aquele companheiro a superar a barreira. Podem-se também formar pequenos grupos para leitura e estudo dos livros em horários compatíveis. Outras vezes, é um companheiro em dificuldades financeiras, como no caso de alguém que perdeu o emprego. Também por meio de uma palavra amiga e esclarecedora pode-se prestar apoio a alguém que está mergulhado em grave problema moral, em consequência, por exemplo, de dificuldades na orientação dos filhos adolescentes.

A caridade se faz por espírito de solidariedade, que somente é real quando alcança todos os que estão em nosso círculo de convivência. Dessa forma, o interesse fraterno pelos membros do grupo é







fundamental e precisa, a partir daí, estender-se para os demais encarnados e desencarnados.

\* \* \*

Em resumo, poderíamos dizer que o objetivo é a conscientização do participante do estudo quanto à importância e à necessidade de sua transformação moral e de empreender esforços por domar suas más inclinações (EE XVII: 4). Em outras palavras, é essencial o constante esforço de superar a si mesmo e de se fazer cada dia mais consciente do seu papel na vida. Todos fomos criados por Deus com o objetivo de fazer-nos úteis dentro da obra divina. Ninguém está privado da possibilidade de evoluir e de assumir o papel de cooperador no campo do Senhor. Quanto antes o indivíduo se conscientiza dessa realidade, mais rápido assume o seu papel perante os demais, Deus e si mesmo, fazendo-se disciplinado e humilde, pronto para aproveitar as oportunidades de servir, a começar do próximo mais próximo — os membros do próprio grupo neste caso — para ir depois, progressivamente, ampliando seu raio de ação.

#### *Estudo individual de apoio ao estudo harmonização*

É essencial que o estudo de grupo e todo o processo de aquisição de conhecimentos para o trabalho mediúnico sejam acompanhados pelo estudo individual. O esforço de cada um na aprendizagem dos conceitos espíritas e dos mecanismos da mediunidade é parte integrante da inserção no grupo e carrega subsídio necessário ao entendimento do processo de comunicação com o plano espiritual. Ao estudar, o membro do grupo adquire conhecimentos e pode interagir com maior facilidade nas atividades de análise e discussão em grupo.

Afirma Allan Kardec: “o que caracteriza um estudo sério é a continuidade que se lhe dá” (LE Introdução VIII). Logicamente, para que o estudo seja continuado, preciso é que seja feito com certa frequência e, para que seja sério, precisa obedecer a certos critérios. O ideal seria fazê-lo todos os dias. Talvez uns 15 a 30 minutos por dia. Quem dispõe de mais tempo poderia fazê-lo por uma hora. Isso todos os dias sem exceção. Não seria ler simplesmente os livros e parar, considerando





que já se fez o suficiente. Seria estudá-los, fazer anotações, comparar conteúdos, compreender e meditar os conceitos, buscar as vias de aplicação prática do conhecimento.

Por onde começar? Pela obra da Codificação, naturalmente. *O livro dos espíritos* foi o primeiro a ser editado e o único com que se contava, em termos de estudo do Espiritismo, por um tempo. Mais tarde, surgiu *O livro dos médiuns* com o objetivo de nortear a prática mediúnica. *O evangelho segundo o espiritismo* é outro livro fundamental para a conquista e manutenção do equilíbrio vibratório e que sugerimos seja estudado sempre e paralelamente ao estudo dos demais livros. Depois, o codificador lançou *O céu e o inferno*, seguido de *A gênese*. Mas a obra de Kardec não se limita a esses livros. Um estudo sério e continuado envolve certamente toda a obra do codificador, incluindo *Obras póstumas* e a *Revista Espírita*, entre outros. À razão de 15 minutos por dia, vários anos são demandados para esse estudo completo. No entanto, se o estudo não for iniciado, o tempo passará igualmente e a tarefa estará adiada para outro momento, talvez mais difícil do que o vivido agora. Quem não dispõe de 15 minutos por dia para estudar Kardec? Quanto tempo despendemos no cuidado e manutenção do corpo físico todos os dias? Quanto tempo despendemos para a manutenção de nosso Espírito? Tudo é uma questão de lógica e definição de prioridades.

Tomou aproximadamente um ano o primeiro estudo que fizemos de *O livro do espíritos* durante 15 minutos por dia. O mesmo tempo foi dedicado para o primeiro estudo de *O evangelho segundo o espiritismo*. Já havíamos lido as duas obras algumas vezes, mas não havíamos feito o estudo sério e continuado recomendado pelo codificador. Posteriormente, voltamos a esse estudo algumas vezes. Para o estudo de toda a obra do codificador, incluídos os 12 volumes da *Revista Espírita*, levamos mais de 14 anos. E o estudo continua...

Como não existe somente a Codificação, a proposta é de estudo também de outras obras, indispensáveis à formação da cultura do espírita sério. Seria, então, uma *busca constante de ampliação do conhecimento doutrinário, extraído das obras espíritas codificadas por Allan Kardec e das complementares a estas de autores fiéis às orientações da Doutrina Espírita*. Para quem vai se dedicar à prática mediúnica, haverá a necessidade de





*estudo específico de algumas obras, especialmente relacionadas com a mediunidade.* Como apoio ao iniciante, sem ânimo de apresentar uma lista exaustiva, sugerimos alguns livros no Anexo 1 ao final deste livro.

### *Colaboração*

Participar de outras atividades da Casa Espírita é fundamental para o trabalhador da mediunidade. O trabalho mediúnico é um apoio à Instituição. Como pode a pessoa apoiar o que não conhece? Como pode conhecer se não se integra? Fundamental, portanto, é fazer, realizar e sentir-se parte da Casa que o abriga e lhe oportuniza o estudo. Como o exercício da mediunidade é uma atividade de assistência e promoção, o ideal é que o trabalhador dessa área se exercite no serviço de assistência e promoção aos encarnados, angariando experiência que lhe facilitará o intercâmbio com os irmãos necessitados que se encontram na outra dimensão da vida.

### *Frequência*

A assiduidade é fundamental. Não se pode formar uma base comum de conhecimento sem participar das reuniões. Nem mesmo é possível alcançar um bom nível de harmonização se as pessoas não dão a devida importância ao trabalho, a ponto de crer que podem faltar, pois não faz muita diferença estarem presentes ou não. Em uma família, sente-se a ausência de algum de seus membros caso não tenha chegado à casa ao encerrar-se o dia de trabalho e adotam-se providências para saber se houve algum problema. O mesmo precisa ocorrer com o grupo de estudo ou de prática mediúnica. Não é bom passar despercebida dos outros participantes a ausência de um dos membros a alguma das reuniões. Se não se sente a ausência de alguém é porque esse alguém não é importante para os demais. Em função disso, sugerimos que o dirigente, ou outro membro por ele indicado ou escolhido pelo grupo, telefone para quem faltou sem comunicação prévia, para saber se ocorreu algum problema e se o grupo pode auxiliar em algo.

\* \* \*

Esses temas integram também a questão da avaliação, que abrangerá todos os aspectos da atividade de *estudo-harmonização*.

